

TRAJETÓRIA DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO E ESTRATÉGIAS DE SUSTENTABILIDADE NA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA CASCATA (COOPTAR)

Pedro Selvino Neuman¹

Paulinho E. R. Ferreira²

Adriano Scariot³

RESUMO

O presente estudo consiste num esforço de descrever e interpretar a dinâmica histórica da ocupação, apropriação e utilização do espaço agrário pela comunidade de assentados rurais que constitui a Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata LTDA (COOPTAR), no assentamento Treze de Março, no município de Pontão - RS. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas diversas técnicas, com ênfase especial às entrevistas semi-estruturadas aplicadas à quase totalidade dos assentados associados à Cooperativa. O estudo da trajetória histórica dos assentados que ora integram a COOPTAR mostra que a ocupação e apropriação do espaço agrário se deram segundo a sua herança histórico-cultural e também motivadas por fatores de ordem política que, com o tempo, passaram a incorporar o conjunto de fatores subjetivos que determinam a racionalidade e intencionalidade que movem os agentes sociais. Revela-se assim, um processo conflitivo de transformação da racionalidade produtiva original dos agricultores, envolvendo fatores objetivos e subjetivos que, em conjunto determinam-na enquanto um processo eminentemente histórico.

Palavras-chave: Reforma Agrária; Coletivização; Matriz tecnológica.

1 – Apresentação

O presente trabalho tem como campo de estudo a Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata LTDA – COOPTAR. Trata-se de uma cooperativa coletiva localizada num dos assentamentos mais antigos e mais estudados do MST no Rio Grande do Sul, dada a sua importância do ponto de vista histórico, o Assentamento Annoni.

A história da COOPTAR mostra uma realidade que tem sido comum no interior dos assentamentos. Logo que os agricultores chegam em suas respectivas áreas, a tendência é de reproduzirem a forma tradicional de apropriação dos recursos como tentativa de se viabilizarem economicamente dentro de seus lotes. Com o passar do tempo, porém, novos elementos vão sendo agregados ao conjunto de tradições, crenças, costumes, habilidades e intencionalidades construídas historicamente pelos agricultores e condicionadoras da sua racionalidade produtiva, os quais podem determinar mudanças na forma destes se relacionarem com o meio onde vivem. Ao mesmo tempo, os agricultores buscam alternativas para enfrentar os imperativos conjunturais que se refletem na sua forma de organização e na matriz produtiva que adotam.

¹ Professor, mestre do CPGEExR da UFSM. Fone: 055 2208354. Endereço: Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural, Prédio 44 – Campus – UFSM – Camobi – Santa Maria - RS. E-mail: psneuman@ccr.ufsm.br

² Engenheiro Agrônomo, acadêmico do CPGEExR da UFSM. Fone: 055 – 91077724. Endereço: CEU III, Apto. 5113 – Campus UFSM – Bairro Camobi – Santa Maria – RS. E-mail: paulinho.13@bol.com.br

³ Engenheiro Agrônomo, acadêmico do CPGEExR da UFSM. Fone: 055 – 99586046. Endereço: CEU II, Apto. 4132 – Campus UFSM – Bairro Camobi – Santa Maria – RS. E-mail: adriano_scariot@yahoo.com.br

O presente estudo consiste num esforço de descrever o meio ambiente físico e social e interpretar a dinâmica histórica da ocupação, apropriação e utilização do espaço agrícola ocupado por uma comunidade rural, relacionando-a aos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento rural. Busca para isso, compreender os processos de produção e vivência do grupo social em estudo, historicamente constituído e assentado sobre uma base geo-bio-física conhecida, em constante artificialização pela presença humana. Pretende-se analisar também as intencionalidades e perspectivas futuras das famílias de assentados rurais, que hora congregam a COOPTAR.

Sem a pretensão de ser conclusivo, o trabalho visa levantar e discutir algumas questões relevantes para o debate sobre desenvolvimento rural e sustentabilidade na agricultura. Para tal busca promover a articulação entre as dinâmicas sociais e naturais, conferindo ao estudo um caráter intradisciplinar. Na investigação foram utilizadas ⁴técnicas de uso corrente no meio científico, como as entrevistas e a técnica da observação direta.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados constam de um questionário semi-estruturado, com perguntas abertas relacionadas a aspectos de ordem social e ligadas à dinâmica do espaço natural, sendo a amostra composta por mais de 60% do universo de famílias associadas a COOPTAR. O campo de estudo explorado foi a área que compreende a cooperativa COOPTAR, ocupada com 14 famílias que trabalham sob regime de cooperação integral, localizada no Assentamento Treze de Março, no município de Pontão, RS. Os itens alvo de observação direta envolveram a infraestrutura da cooperativa; indicadores sociais (água potável, energia elétrica, escola, habitação, saneamento básico); relações sociais; conflitos de interesse e relações de poder; impactos antrópicos sobre o ambiente físico; técnicas de produção em uso; aproveitamento e associação de recursos produtivos disponíveis e potencialidades do ambiente.

2 - Breve caracterização da base geo-bio-física do Assentamento

A região que constitui a base do nosso campo de estudo situa-se no interior da antiga fazenda Annoni, localizada na região Norte do Rio Grande do Sul, na sub-região denominada Alto Uruguai, que envolve parte dos municípios de Sarandi e Pontão. O espaço agrário em estudo apresenta-se como propício à prática da agricultura, apresentando índices de pluviosidade considerados adequados (ver anexo I) e relevo suavemente ondulado, propício à mecanização.

Quanto à vegetação típica da região, esta se divide em 2 extratos: a área de campo e a chamada área *de mato*. A formação da mata nativa é composta por espécies que constituem uma sucessão vegetal de bosque e sub-bosque, com presença de plantas características da mata atlântica. Há uma ocorrência considerável, e em alguns casos até predominância, de Araucárias e erva mate, as quais, num período anterior ao assentamento, foram importantes atividades econômicas desenvolvidas no local, especialmente através das serrarias com a exploração da Araucária. Esta atividade teria sido exercida por fazendeiros que ocupavam anteriormente a área. Segundo os relatos, o extrativismo da erva mate também teria exercido uma possibilidade de renda para os fazendeiros e, na formação do assentamento, para os próprios assentados da Annoni, que ainda hoje utilizam-na como fonte de renda. A área do assentamento vem sofrendo, como vimos, um processo de

⁴Professor, mestre do CPGExR da UFSM. Fone: 055 2208354. Endereço: Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural, Prédio 44 – Campus – UFSM – Camobi – Santa Maria – RS; E-mail: psneuman@ccr.ufsm.br; Engenheiro Agrônomo, acadêmico do CPGExR da UFSM. Fone: 055 – 91077724. Endereço: CEU III, Apto. 5113 – Campus UFSM – Bairro Camobi – Santa Maria – RS. E-mail: paulinho.13@bol.com.br; Engenheiro Agrônomo, acadêmico do CPGExR da UFSM. Fone: 055 – 99586046. Endereço: CEU II, Apto. 4132 – Campus UFSM – Bairro Camobi – Santa Maria – RS. E-mail: adriano_scarlot@yahoo.com.br

desmatamento que transformou a paisagem no que podemos observar hoje, aproximadamente 90% constituída por lavouras.

O desmatamento da área para a formação de pastos pelo latifundiário que ocupava a área anteriormente levou a uma situação que foi agravada com a formação do assentamento, onde a repartição da terra fez com que alguns assentados recebessem seus lotes localizados totalmente sobre área de mata nativa. A pastagem nativa que se estabeleceu na sucessão vegetal posterior ao desmatamento era a vegetação predominante quando a área era explorada pelo fazendeiro com a criação extensiva de gado.

Um aspecto interessante no histórico da área é o fato de ter sido introduzida na área da então Fazenda Annoni, um tipo de gramínea muito agressiva, oriunda da África, que se adaptou muito bem a solos pobres e desgastados. Por esse motivo, essa gramínea ficou popularmente conhecida como Capim-Anoni (*Eragrotis Plana L.*). Essa pastagem que num primeiro momento foi introduzida na área, posteriormente criou um agroecossistema muito particular. Estabelecendo uma competição muito acirrada com as demais espécies, principalmente as gramíneas, que existiam na área, acarretando na supressão das mesmas, restando a predominância absoluta do capim-Anoni em praticamente toda a área do assentamento, o que se constituiu num dos maiores problemas em termos de plantas invasoras na área, servindo inclusive de centro dispersor para outras regiões do estado.

O relevo, como exposto acima, é suavemente ondulado, típico de planalto, com a predominância de coxilhas o que favorece a exposição a ventos. Num sistema de plantio convencional essa particularidade se mostra muito danosa do ponto de vista da perda de solo e danos a culturas. Os quebra ventos naturais são pouco significativos. No interior da área não há a ocorrência de rios ou sangas, ficando o abastecimento de água por conta de poços artesianos, alguns açudes e alguns mananciais que ainda permanecem dentro de alguns redutos de mata preservada.

O solo é uma das grandes riquezas que esta área possui. O mapeamento é do tipo **latossolo vermelho escuro** segundo a sociedade brasileira de classificação de solos, tendo como matriz a rocha denominada basalto. Este solo apresenta uma fertilidade natural muito elevada. Por outro lado, apresenta uma formação muito lenta, apesar destes solos possuírem estrutura bem formada e antiga. Esta fertilidade natural é o que assegura uma certa produtividade em termos quantitativos nos sucessivos anos de plantio com monocultura da soja. Hoje estes solos na sua maioria, apresentam-se degradados e erodidos necessitando de ações de recuperação urgentes como forma de assegurar este bem natural que a região possui. A sucessiva aplicação de pacotes tecnológicos com base química levou o solo a uma situação de desequilíbrio nutricional evidente, necessitando hoje de um programa de recuperação que contemple questões nutricionais e de preservação.

O sistema de produção atualmente predominante no assentamento Annoni é, segundo a EMATER, um caso típico de monocultura de soja. A soja chegou nesta área juntamente com a constituição do assentamento Ela foi a primeira atividade econômica dos assentados, que fizeram a opção pelo sistema de plantio convencional, por um lado, por ser o sistema predominante na região e pela falta de um serviço de extensão rural que os estimulasse a produzir de outra forma, por outro, por ser uma das formas de combater o capim-anoni que já se tornara um problema. Assim, nos primeiros anos do assentamento, o plantio de soja atingiu praticamente a totalidade da área. Com o declínio dos rendimentos econômicos advindos dessa cultura, outras atividades produtivas começaram a se destacar, como a produção de leite, que hoje já ocupa um percentual significativo da área de produção dentro do assentamento.

3 - Histórico da ocupação da área e origem dos assentados

Para a compreensão da dinâmica de apropriação de um determinado espaço agrário revela-se fundamental situá-lo numa perspectiva histórica, buscando os elementos do passado capazes de condicionar a realidade presente.

A região que abrange nosso campo de estudo é considerada por muitos autores o berço do recente processo de mobilização social protagonizado pelos agricultores marginados pela modernização conservadora da agricultura brasileira, que culminou na constituição de vários movimentos sociais camponeses, dentre os quais destacam-se o Movimento de Atingidos por Barragens – MAB, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais – MMTR, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Este último nasceu do acampamento de Encruzilhada Natalino, organizado em março de 1981, no município de Ronda Alta – RS.

Em 1985, aproximadamente 6500 pessoas, provenientes de dezenas de municípios da região Sul do Brasil, ocuparam a área de 10 mil ha pertencentes a então denominada fazenda Annoni, que encontrava-se oficialmente desapropriada desde 1974. Contudo, a área estava sendo disputada na justiça e ainda não havia sido desocupada pelo fazendeiro. A liberação ocorreu apenas em 1986, após 1 ano de constantes pressões. De acordo com BAVARESCO (1999, p. 258) os agricultores sem terra que conquistaram a fazenda Annoni, uma das maiores do Estado à época, são oriundos de um processo histórico de exclusão social que se relaciona com a própria forma de ocupação do espaço agrário ocorrida no Rio Grande do Sul. Foram estes agricultores que reiniciaram, na década de 70, a luta pela terra no Norte do Rio Grande do Sul e ajudaram a fundar o MST.

Para compreendermos a lógica que norteia a ocupação e apropriação do espaço agrário de uma comunidade humana é preciso conhecer a sua história. Nesse sentido, os assentados da COOPTAR apresentam particularidades interessantes que são relevantes para o nosso estudo, as quais discutiremos a seguir. Uma delas relaciona-se à procedência dos sócios da COOPTAR, conforme ilustra a tabela abaixo.

Tabela 1. Município de origem, período, tempo e local de acampamento e condição familiar dos agricultores assentados da COOPTAR.

Município/origem	Acampamento	Ano/período	Tempo	Quem
Constantina	Annoni	1985	5 anos	Casado
Constantina	annoni	1985	5 anos	Casado
Constantina	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Constantina	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Ibirubá	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Tapejara	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Miraguaí	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Ronda Alta	annoni	1985	5 anos	Solteiro
Ronda Alta	annoni	1985	5 anos	Solteiro

O estudo da procedência dos assentados resumido na tabela 1 mostra uma grande homogeneidade entre os associados da COOPTAR. A imensa maioria deles (com apenas uma exceção) é oriunda da mesma região geográfica, que corresponde, à região do alto Uruguai, ou “pioneira”, assim chamada por NAVARRO et al. (1999, p. 68), por ser a região de minifúndios onde se desenvolveram as primeiras ocupações de terra e pressões políticas que originariam o MST, bem como os primeiros assentamentos de reforma agrária do RS. Da mesma forma, as famílias que constituem o presente estudo, foram

assentadas na sua própria região de origem. Estas 3 características contribuíram decisivamente nas estratégias de ocupação do espaço e organização da produção dos assentados e também na definição da matriz produtiva do assentamento, uma vez que os agricultores possuíam vasto conhecimento empírico da cultura regional assim como do agroecossistema onde se instalaram.

Outra característica importante é o fato de que todos os assentados em questão acamparam no mesmo período e no mesmo local (fazenda Annoni). Esse fato certamente foi o embrião da CPA, uma vez que os referidos agricultores tiveram um histórico de lutas similar e conviveram durante 5 anos no acampamento, o que lhes conferiu maior agregação social, integração e segurança para a cooperação no trabalho coletivo.

A condição de posse da terra, historicamente vivenciada pelos agricultores é outro elemento que merece ser destacado.

Tabela 2. Condição de posse da terra dos assentados da COOPTAR antes do acampamento.

Condição de posse da terra	Número de agricultores
Proprietário*	3
Arrendatário	2
Parceria	4
Total	9

** Foram considerados proprietários, os agricultores que possuíam título de propriedade de mais de 50% da área agrícola por eles trabalhada, o mesmo critério sendo estendido aos parceiros e arrendatários.*

A tabela 2 mostra que a grande maioria dos agricultores entrevistados, aproximadamente 78% deles, não dispunha de terra suficiente para cultivar o sustento da sua família antes de acampar. A condição do agricultor em relação à posse da terra determina diferentes formas e estratégias de uso do solo e dos recursos naturais disponíveis. No universo da agricultura familiar, de acordo com a teoria Chayanoviana, predomina a racionalidade que visa minimizar os riscos e garantir a satisfação das necessidades familiares. A condição de arrendatário e parceiro, por tratar-se de uma condição temporária, estimula a lógica da máxima exploração dos recursos naturais disponíveis, com o mínimo de investimento em conservação do solo, da vegetação, da água, forma de exploração que ficou conhecida como agricultura tradicional. Consistentes com essa teoria são os relatos dos agricultores que confirmam a ampla difusão da agricultura tradicional baseada nos cultivos anuais de soja e milho nos minifúndios da região. Essa forma de produzir teve ressonância após o assentamento das famílias, com o agravante de requerer elevados investimentos em maquinário e insumos do pacote tecnológico da revolução verde que passou a ser adotado no assentamento. Essa “opção” trouxe consequências que ainda hoje se fazem sentir entre os membros da cooperativa. As mais dramáticas são a degradação do solo e as dívidas acumuladas a pagar.

Em relação à condição de posse da terra, dentro dos propósitos desse estudo, que incluem levantar dúvidas e questionamentos, cabe ainda especular sobre a sua interferência na predisposição dos agricultores ao trabalho coletivo. Deduz-se empiricamente que, o sentido de propriedade privada se desenvolve com maior intensidade naquelas pessoas que apresentam um histórico de haver exercido a condição objetiva de proprietários. Estas pessoas estariam menos dispostas ou resistiriam menor tempo a experiências de propriedade e trabalho coletivos. Contudo, nada temos de concreto ou conclusivo a esse respeito, cabendo nesse trabalho apenas o estímulo à reflexão sobre o tema.

4 - A Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata LTDA

A COOPTAR foi fundada em 1990 com 42 famílias. Hoje compreende uma área de 203 ha onde vivem e trabalham, desde 1996, 14 famílias, que integram o Assentamento 16 de Março, originado da desapropriação da antiga Fazenda Annoni. Essas famílias trabalham em regime de cooperação integral, sendo a terra e os meios de produção de propriedade e uso coletivos. Para melhor compreendermos o nosso universo de estudo, faz-se necessária uma breve abordagem sobre as formas organizativas que condicionam os processos produtivos nos assentamentos de reforma agrária ligados ao MST, as quais tiveram influência direta sobre a constituição da COOPTAR..

4.1. A origem das Cooperativas de Produção Agropecuária (CPAs) nos assentamentos de reforma agrária

O campo de pesquisa em questão corresponde a uma CPA, forma de cooperativa agrícola ligada ao Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA), que articula todas as formas de cooperação desenvolvidas nos assentamentos e corresponde ao Setor de Produção e Comercialização do MST, sendo, portanto, orgânico a esse movimento. Passados dez anos de sua organização o SCA conta com dezenas de cooperativas distribuídas em diversos estados brasileiros e divididas em três formas principais em primeiro nível: Cooperativas de Produção Agropecuária - CPA, Cooperativas de Prestação de Serviços-CPS e as Cooperativas de Crédito. Além das Cooperativas multiplicou-se o número de associações, grupos semi-coletivos e grupos coletivos. No segundo nível estas cooperativas são associadas a uma Central de Cooperativas de Assentados - CCA, tendo hoje, centrais em nove estados brasileiros. No caso da COOPTAR, ela está filiada à Cooperativa Agrícola Novo Sarandi Ltda – COANOL.⁵ A nível nacional encontra-se a Confederação de Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil – CONCRAB que congrega todas as iniciativas de cooperação agrícola dos assentamentos de reforma agrária brasileiros

As CPAs foram implantadas, dentro do processo cumulativo de experiências internamente à estrutura sócio-política do MST, a partir de 1989 e são consideradas pelo MST como uma forma superior da organização da produção, o seu estágio mais avançado. A cooperação agrícola (CA) nos assentamentos se confunde com o surgimento do MST. Desde a sua origem ela sofre influência dos debates teóricos desse movimento social, apresentando um componente fortemente político-ideológico no conjunto das suas orientações. No princípio, a cooperação agrícola nos assentamentos era desenvolvida através das pequenas formas associativas como o mutirão, grupos coletivos, pequenas associações, que persistem até hoje, mas deixaram de ser priorizadas. No final da década de 80, tal modelo foi substituído pelo paradigma das cooperativas coletivas, do tipo empresa econômica, com destaque as CPAs. Que foram estimuladas com base na necessidade percebida pelo MST, de transformar as relações de produção camponesas, ditas artesanais, por relações pautadas na divisão social do trabalho, na agroindustrialização e na racionalização econômica, sendo visto pelo MST como um instrumento pedagógico de resocialização dos agricultores em direção à construção dos valores humanistas e socialistas.

O que diferencia a Cooperativa de Produção Agropecuária de um grupo de produção coletivizado ou de uma associação é sua personalidade jurídica, porque ao ser

⁵ A COANOL é uma CCA fundada em 1990 que congrega atualmente 504 associados, incluindo assentados e pequenos agricultores da região de Sarandi. Esta cooperativa garante a infra-estrutura de apoio à produção e comercialização dos associados contando com serviços como recebimento e armazenagem de grãos e transporte. (COCEARGS – folheto: Semeando Cooperação, colhendo qualidade de vida).

registrada na junta comercial, como uma empresa cooperativista, passa a ser regida pela legislação cooperativa brasileira. Nas CPAs, o capital social da cooperativa é subdividido em quotas-partes que são aos poucos integralizadas na conta de cada associado, sendo que o capital acumulado se torna investimento, considerado pela legislação como fundos indivisíveis (fundo reserva/FATES). Neste caso, tornam-se patrimônio social e não podem ser divididos em casos de dissolução ou desistência. A terra permanece sob o controle do coletivo, ficando apenas uma parcela reservada à subsistência do associado. A CPA organiza o trabalho em setores, a partir da divisão técnica do trabalho, que são determinados pela atividade produtiva desenvolvida e pela capacitação técnica dos associados. O controle é realizado por *hora trabalhada* e a remuneração depende da produção total da cooperativa. O planejamento da produção é coletivo e baseado em estudos técnicos que definem as linhas de produção e a ordem de prioridades.

Quanto à estrutura organizacional, a CPA geralmente é gerenciada por um Conselho de Administração ou Deliberativo ou, ainda, Coordenação. Cada CPA define sua instância representativa, composta por um membro de cada setor de produção e serviço. Dessa instância é escolhido um Conselho Diretor ou uma Diretoria Executiva. O órgão máximo deliberativo de poder dentro da estrutura de uma CPA é a Assembléia Geral da Cooperativa.

4.2. Evolução histórica dos sistemas produtivos.

A COOPTAR se caracteriza hoje por ser o único grupo de agricultores coletivos que sobreviveu dentro do assentamento da fazenda Annoni. Quando os agricultores chegaram na terra, segundo relato dos próprios assentados, percebia-se uma ânsia muito grande no sentido de buscar uma vida nova e realizar os diversos objetivos de vida que cada um alimentava desde antes de acampar e que foram fortalecidos durante o acampamento. Nesse período a cooperação agrícola era muito estimulada pelo MST, principalmente na forma de cooperativas coletivas. Assim, nasceram muitos grupos coletivos, que foram um a um se desfazendo a partir do momento que começavam a surgir as principais dificuldades, colocando em cheque o modelo coletivista. De acordo com CARVALHO (1999: p. 28), a ruptura no paradigma da cooperação nos assentamentos que se deu no final da década de 80, momento em que se passou a privilegiar as CPAs, foi muito mais produto de idéias externas à realidade dos assentamentos do que de uma análise crítica, científica, das tendências sócio-antropológicas, políticas e econômicas das formas então vigentes e potencialmente possíveis de cooperação. Mesmo a COOPTAR que é uma cooperativa composta por várias lideranças que, de certa forma, contribuíram na elaboração da proposta cooperativista dentro do MST, passou por inúmeros percalços, pois das 42 famílias que começaram a cooperativa apenas 14 permanecem coletivizadas.

Um dos componentes que contribuiu consideravelmente para a desarticulação dos grupos coletivos foi a elevada expectativa gerada pelos agricultores em relação ao aumento da renda e qualidade de vida que as cooperativas trariam. A história mostra, contudo, que para além das conjecturas da teoria clássica, no terreno frio da prática, a sobrevivência dos agricultores assim como o aumento da sua qualidade de vida estão, antes de tudo, relacionados às estratégias de viabilização dos sistemas de produção aplicados à terra, e não somente aos conteúdos normativos da cooperação agrícola. Ou seja, se os agricultores não conseguem gerar renda suficiente a partir dos seus sistemas de produção e, por consequência, não conseguem atender as demandas gerais e específicas do grupo coletivo, há uma grande tendência de que o mesmo se desagregue. Não se está, com essa constatação, buscando imprimir um viés economicista à análise, mas reafirmando que os agricultores se movem prioritariamente na direção do suprimento das suas necessidades, principalmente aquelas relacionadas à sua sobrevivência, ou seja, de ordem material.

No caso da fazenda Annoni, quando os agricultores chegaram na terra e se estruturaram em seus lotes, condicionados pelo paradigma da revolução verde, reproduziram o mesmo modelo tecnológico que os excluiu do sistema produtivo agrícola. A revolução verde também contribuiu para disseminar problemas ambientais, como a erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos e perda da biodiversidade (ALTIERE, 2000). No período em questão, o pacote tecnológico da revolução verde era um modelo amplamente hegemônico, que apresentava-se quase que como absoluto. Difundido pelos órgãos de extensão rural e assistência técnica, amparado pelo crédito agrícola e plenamente inserido na lógica de subordinação da agricultura à indústria. Praticamente não havia alternativas tecnológicas ao modelo com difusão expressiva. Portanto, não se tratou propriamente de uma opção dos agricultores, mas sim de uma sujeição à lógica dominante. Assim, permaneceram utilizando os mesmos insumos químicos e as mesmas culturas estimuladas pela revolução verde como, por exemplo, o plantio de soja, trigo e milho, dentro do modelo convencional, baseado em insumos químicos e mecanização pesada. Este procedimento é tido hoje, pelos próprios assentados, como o principal equívoco cometido pelo grupo e que foi motivo de muita desagregação social por parte dos cooperados.

Depois deste começo um tanto conturbado, foi preciso fazer uma reavaliação do sistema produtivo em andamento na cooperativa. Esta reavaliação culminou na sua diversificação, iniciativa considerada pelos sócios como *“a coisa mais bem feita até hoje dentro da cooperativa”* (Dilvo Santa Catarina – Assentado, sócio da COOPTAR). No bojo dessa reavaliação ocorreu também um processo gradual de substituição de insumos. Essas iniciativas apontaram para um processo de transição agroecológica, sobre a qual ALTIERE (2000) comenta que: *“O foco é a substituição de insumos, ou seja, substituir agroquímicos caros e degradadores do meio ambiente e tecnologias intensivas em insumos por tecnologias brandas, de baixos usos de insumos externos”*. O que os assentados lamentam é que essa reconversão produtiva foi realizada de maneira não tanto organizada com eles gostariam e o fariam hoje.

Numa trajetória de equívocos e acertos foi se moldando a atual matriz produtiva que será discutida abaixo. Tomaremos cada atividade em particular para melhor compreender as suas particularidades e depois discutiremos a evolução global do sistema.

5 - A Constituição da atual matriz produtiva

As atividades produtivas desenvolvidas na COOPTAR envolvem as esferas da agricultura, pecuária e agroindústria. A cooperativa é dividida em quatro setores produtivos, assim denominados: setor de lavouras, setor do leite, setor dos suínos e frigorífico (que corresponde ao abatedouro + a agroindústria de embutidos). A força de trabalho disponível é alocada de acordo com a demanda de cada setor produtivo, apresentando caráter rotativo.

5.1. O Setor das Lavouras anuais

Os produtos agrícolas mais cultivados no setor de lavouras são o milho e a soja, que ocupam uma área de, respectivamente, 62 ha e 28 ha, com uma produção aproximada de 4 mil sacas de milho e 1100 sacas de soja, sendo ambos utilizados como insumo para a criação de suínos e produção de leite. No inverno a cultura principal é o trigo, ao lado das pastagens (gramíneas e leguminosas de inverno). O sistema de cultivo das lavouras é variável, sendo adotado o plantio direto quando a disponibilidade de cobertura verde for considerada suficiente e o solo não estiver demasiadamente compactado. Para as operações

agrícolas executadas a cooperativa dispõe de todos os implementos agrícolas necessários, bem como de 2 tratores agrícolas.

O cultivo das lavouras anuais constituiu a base da matriz produtiva da COOPTAR durante um longo período. Hoje a utilização dessa matriz é considerada pelos assentados como um dos principais equívocos cometidos pela cooperativa ao longo de todos estes anos de funcionamento. Quando ainda eram acampados os agricultores investiram pesadamente na mecanização e iniciaram um sistema de cultivo intensivo em insumos externos. Este processo foi reproduzido até o momento em que os agricultores perceberam as suas conseqüências negativas

Tal percepção conduziu a uma tomada de decisão no sentido de se romper com o sistema de produção de grãos para o mercado, transformando o seu caráter. Agora a produção seria destinada ao consumo interno da Cooperativa, como insumo para a produção animal. Tal processo obedeceu a seguinte seqüência: Primeiro rompeu-se com a produção de grãos enquanto “carro chefe” da cooperativa. Hoje, parte do milho é utilizada para a fabricação de silagem sendo o restante utilizado na ração concentrada para suínos e vacas leiteiras. Já a soja, é comercializada e sua receita utilizada na aquisição de farelo de soja para a ração. Segundo, deliberou-se pela produção de grãos de forma ecológica iniciando-se um processo de transição da base tecnológica naquele setor produtivo.

Há aproximadamente dois anos, após a eliminação dos agrotóxicos, iniciou-se um processo de produção de soja orgânica que, num primeiro momento, tinha o caráter apenas de diminuir os custos de produção. Hoje se apresenta a possibilidade de comercializar este produto a um preço mais elevado que o preço de mercado. Mas a opção pela produção ecológica trouxe vários desafios, sendo que a transição de base tecnológica em curso da área, vem exigindo dos agricultores, cautela e criatividade.

Pelo fato de não haver área de pastagem suficiente, destinada exclusivamente ao pastoreio, parte da área das lavouras é pastoreada pelo gado leiteiro na entressafra, o que provoca 2 efeitos importantes sobre o agroecossistema das lavouras: a diminuição do volume de matéria seca sobre o solo e a compactação do mesmo pelo pisoteio excessivo. Nessa situação, os agricultores optam pelo cultivo mínimo do solo, através de subsolagem e/ou gradagem e, até mesmo, o revolvimento do solo com arado. Estas operações são realizadas com o objetivo de promover a descompactação do solo e como alternativas para o controle de inços. A presença de plantas competidoras tem se constituído num sério problema para o cultivo, uma vez que o plantio direto ainda não está consolidado em função de uma insuficiente camada de cobertura morta sobre o solo. A ausência de uma camada mais densa de cobertura morta sobre a superfície do solo permite a germinação e desenvolvimento das plantas competidoras que, após a transição para o cultivo ecológico, não são mais controladas pelo uso de agrotóxicos herbicidas na área de cultivo. Isso vem desafiando a criatividade dos assentados e técnicos para resolver o problema.

5.2. O Setor de Suinocultura

Na atividade suinícola, o rebanho consta de 35 matrizes reprodutoras com uma produção anual bruta de aproximadamente 45 mil KG de carne. A maior parte da carne é processada na agroindústria e o restante consumido no assentamento. Os suínos são criados e terminados na própria COOPTAR, desde a gestação da fêmea até a engorda da sua prole (ciclo completo) e sob o sistema de criação de suínos ao ar livre. A infra-estrutura consta de cercas elétricas delimitando os piquetes, que são rotativos, e cabanas móveis para as matrizes. Os animais paridos permanecem nos piquetes até a fase de engorda. A engorda dos animais é realizada no sistema convencional de confinamento total, sendo as instalações constituídas de um galpão de terminação ou engorda. O sistema de engorda

compreende o uso de lâmina d'água, o que proporciona melhor aproveitamento da ração e maior conforto térmico aos animais nos períodos de calor excessivo.

Cada fêmea possui um piquete próprio, coberto com pasto de *hermarthria*. A rotação das matrizes entre piquetes é efetuada em obediência ao critério de vazio sanitário. No interior destes, observa-se uma oferta muito grande de forragem e uma disponibilidade de área de aproximadamente 900 m² para cada matriz, lotação recomendada pela EMBRAPA - CNPSA.

Este sistema se adequa às pequenas propriedades por não promover a concentração dos dejetos, não necessitando, portanto, gastar energia para a sua posterior distribuição sobre o solo. Nesse caso o esterco é espalhado naturalmente pelos suínos no momento que defecam contribuindo para a fertilidade no próprio local onde está instalado o piquete. Além disso, facilita o manejo dos dejetos que, em grande concentração podem poluir o meio ambiente contaminando as águas superficiais e o lençol freático. Na COOPTAR os dejetos produzidos pelos animais são integralmente aproveitados na forma de adubação orgânica para as lavouras ou fertilização dos próprios piquetes.

O sistema de criação de suínos foi o primeiro a ser implantado a partir do momento em que se começou a discussão sobre diversificação da produção. Foi estimulado pelo Centro de Tecnologias Alternativas Populares – CETAP, que coordenou a implantação na cooperativa, de um sistema de criação de suínos ao ar livre, com pastoreio rotativo. Este sistema já está em uso a mais de dez anos dentro da cooperativa. Segundo os assentados, ele proporciona animais mais rústicos e, ao mesmo tempo, mais produtivos para a tecnologia que está sendo introduzida no rebanho.

Quando foi iniciada a criação de suínos, embora fosse consensual e conhecido o sistema de produção ao ar livre, os assentados não conseguiam implementar um manejo que proporcionasse a ruptura com o modelo tecnológico baseado nos medicamentos da indústria farmacêutica, considerado demasiadamente oneroso. Hoje o sistema de produção se caracteriza principalmente por eliminar grande parte dos medicamentos químicos, que chegam para a criação de suínos na forma de pacotes tecnológicos, abrindo a possibilidade de se produzir carne de forma totalmente ecológica. É esse o caminho que o grupo de trabalho do setor de suínos busca trilhar, para uma criação de suínos totalmente ecológica tanto no manejo veterinário quanto no manejo alimentar. Outra vantagem desta ruptura tecnológica é o baixo investimento em infra-estrutura contribuindo para um custo de produção reduzido.

5.3. O Setor da Bovinocultura de leite

O rebanho leiteiro é constituído de 59 vacas leiteiras, estando 42 das quais em fase de lactação. A produção de leite é de aproximadamente 180 mil litros/ano. O cultivo de pastagens, destinado à produção de leite, ocupa uma área de aproximadamente 30 ha, sendo aproveitadas para este fim as áreas destinadas às culturas anuais de verão. As pastagens mais cultivadas são: *hermarthria* (*Hemarthria altíssima*), aveia (*avena sativa*) azevém (*Lolium multiflorum*) e ervilhaca (*vicia spp*), os 3 últimos para o pastoreio de inverno. Na atividade leiteira predomina o sistema de produção “a base de pasto”, sendo que a alimentação é complementada com ração balanceada, entorno de 50% da qual, produzida a partir de matéria-prima oriunda da própria cooperativa, especialmente os ingredientes utilizados em maior quantidade como soja e milho. A criação de terneiras é feita no sistema de semiconfinamento, com instalações adaptadas, construídas de madeira. As instalações para a ordenha compreendem um galpão, no interior do qual encontra-se uma sala de ordenha do tipo “espinha de peixe” com três conjuntos. O resfriador é do tipo “de imersão” e o leite é acondicionado em de alumínio até o momento da coleta. A produção de leite é entregue a COANOL.

A atividade leiteira começou a ser implementada na Cooperativa a partir do momento em que o modelo, baseado nas chamadas grandes culturas (a soja e o milho principalmente), entraram em declínio nas lavouras de grande propriedade. Segundo relato de um dos sócios, os assentados entenderam que se continuassem aprofundando aquele modelo eles iriam “quebrar” rapidamente. *“Então se decidiu que se deveria mudar os sistemas de produção buscando uma maior diversificação, passamos então a produzir leite, mas de uma forma totalmente desorganizada, onde não se tinha instalações e principalmente não tinha alimento suficiente para os animais”* comenta Ênio Borges – Sócio da COOPTAR.

No início da atividade, os animais migravam de um lugar a outro dentro do assentamento em busca de alimento. A partir da compra das vacas passou-se a buscar formas de viabilizar a produção leiteira de uma forma mais organizada. Nesse momento, aumentou a preocupação com os cuidados técnicos do rebanho, que se materializaram na criação de terneiras em confinamento, produção de silagem e ração balanceada para alimentar os animais. Este sistema convencional praticado, num primeiro momento, mostrou-se relativamente eficiente. Mas o custo de produção ainda era muito elevado para aquele padrão de produtividade, o que levou os assentados ao seguinte raciocínio: *“Se nós estamos conseguindo uma boa remuneração dando ração e silagem para as vacas, se conseguirmos produzir leite sem estas tecnologias caras será muito melhor”* relembra Ênio Borges – Sócio da COOPTAR. Iniciaram a partir desse momento um processo de intensificação da produção de leite orientado por uma mudança no padrão tecnológico da atividade. Passaram a produzir “leite a base de pasto”. Hoje a atividade leiteira na cooperativa baseia sua produção no pastoreio rotativo e, aos poucos, vem abrindo mão do uso da silagem que é atualmente fornecida somente para as terneiras, sendo que a tendência é ser abandonada por completo. O uso de ração balanceada ainda se faz necessário, até que as pastagens produzidas não cubram as exigências nutricionais das vacas leiteiras.

Observa-se uma mudança de matriz tecnológica também no tocante ao tratamento clínico-veterinário dispensado ao rebanho leiteiro da Cooperativa. Atualmente, praticamente todo o tratamento é feito com base em medicamentos homeopáticos e fitoterápicos. Em processo de substituição de insumos, a atividade leiteira está gradativamente abandonando o uso dos antibióticos fabricados pela indústria farmacêutica e adotando técnicas de controle natural, como o uso de vacina oriunda do próprio leite da vaca para o controle da mamite, mistura de alho e sal mineral contra os carrapatos, assim como fumo de corda e timbó para o controle de bernes e carrapatos, todos disponíveis no próprio assentamento. Essa nova opção trouxe vantagens como a diminuição do custo de produção, melhor qualidade do leite produzido, maior aproveitamento dos recursos, menos dependência externa e menor agressão ao meio ambiente. Essa nova forma de tratamento contribui também para o aumento do retorno econômico da atividade leiteira pois permite a sua inserção em novos nichos de mercado, para produtos diferenciados e de maior valor agregado, como o leite ecológico, por exemplo.

O sistema de produção de leite evoluiu de uma forma de produção dita convencional, intensiva em insumos intermediários, para uma produção sustentável do ponto de vista ecológico, menos dependente do meio externo e de maior retorno econômico. Contudo, no aspecto comercialização, a atividade obedece à lógica da inserção no mercado convencional, baseado nos ganhos de escala, pois ainda está ligada à cadeia agroindustrial do leite, onde impera um oligopsônios formado por um número reduzido de empresas que detém o controle do mercado e conseqüentemente do preço do leite.

5.4. O Setor da Agroindústria

A agroindústria é composta de um abatedouro e um pequeno frigorífico para processamento de embutidos de carne suína. São produzidos lingüiça, salame, copa e outros defumados, sendo também processada a banha. As instalações e o fluxograma de produção possuem o respaldo da fiscalização sanitária estadual (FEPAM e CISPOA). As carcaças são comercializadas inteiras, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre. Já os embutidos são comercializados diretamente ao consumidor, através de feiras, e em pequenas e médias casas de comércio principalmente na região de Passo Fundo e Sarandi.

A agroindústria surgiu no momento em que as famílias do assentamento perceberam a necessidade de aproveitar ao máximo a força de trabalho e agregar renda aos produtos. Buscaram-se recursos para a implantação de um frigorífico para abate de suínos e processamento da carne, principalmente na forma de embutidos, num primeiro momento. Em 1996 foram investidos R\$ 40 mil em estrutura e R\$ 26 mil em equipamentos para colocar o frigorífico em funcionamento. O custo da legalização da agroindústria foi calculado em R\$ 20 de imposto sobre um suíno de 100 Kg (COCEARGS, 1997 p. 16). Mesmo assim, os agricultores consideram que a legalização foi e continua fundamental para o funcionamento da atividade, pois evita riscos de apreensões e proporciona produtos de melhor qualidade e segurança alimentar aos consumidores.

Logo após a implantação da agroindústria percebeu-se um limite básico para a sua viabilidade: não havia na Cooperativa matéria-prima suficiente para justificar a manutenção de uma estrutura com aquelas proporções. Nesse momento passou-se rapidamente a buscar matéria prima fora da cooperativa. Outro limite logo percebido foi o da comercialização, pois os embutidos mostraram-se bastante limitados em termos de mercado local, levando a COOPTAR a buscar mercados distantes que apresentavam várias implicações, como o custo de frete e o risco de inadimplência.

Para tentar reparar estes problemas passou-se a investir mais na produção de suínos para serem aproveitados na agroindústria aumentando a sua escala produtiva. Mas, mesmo assim, ainda hoje se faz necessário adquirir suínos fora da cooperativa para atender a demanda da agroindústria, cujo mercado se expandiu consideravelmente. Outra atitude foi a de priorizar a venda de carcaças e cortes de suínos, em detrimento da produção de embutidos. Essa opção se justificou, segundo os assentados, por melhorar a circulação/comercialização da carne suína e gerar um volume maior de renda financeira, proporcionando uma margem de lucro considerada aceitável pelos assentados.

5.5. A Produção para autoconsumo

As hortaliças atualmente não estão sendo produzidas para o mercado devido à falta de força de trabalho e por exigirem elevados investimentos em tecnologia poupadora de mão-de-obra. A olericultura já foi uma das principais atividades da cooperativa e, segundo o relato dos assentados. Existe um importante mercado em expansão que possibilitaria a comercialização destes produtos, especialmente se forem produzidos ecologicamente. O que levou a cooperativa a parar de produzir hortaliças comercialmente, segundo os assentados, foi principalmente à falta de organização no trabalho e na produção.

Hoje a produção de olerícolas tem um papel importantíssimo no abastecimento interno de alimentos para o consumo dos assentados, a ponto de requerer a força de trabalho parcial de 2 pessoas, que são as responsáveis por essa atividade considerada estratégica para a sustentabilidade, soberania alimentar e autonomia dos assentados. Outro importante item que garante o suprimento alimentar na COOPTAR é o pomar, constituído de mais de 300 frutíferas de espécies diversas, com destaque aos citros, parreiras e

pessegueiros, cujos frutos são todos utilizados para o consumo interno dos sócios da cooperativa.

Embora não sejam considerados setores produtivos da Cooperativa, as frutas e hortaliças desempenham um importante papel na produção para o autoconsumo, que se enquadra na estratégia da soberania alimentar, que prevê o direito dos povos de definir a sua própria política agrícola e alimentar, defendida pelos movimentos do campo que fazem parte da Via Campesina.

5.6. Considerações gerais sobre os sistemas produtivos da COOPTAR

A COOPTAR passou, ao longo da sua história, por várias transformações tanto no aspecto técnico quanto no aspecto social. Cabe a este trabalho avaliar principalmente os as transformações no aspecto técnico e a evolução dos sistemas de produção. Nesse sentido pode-se perceber nitidamente um processo de transição em andamento na cooperativa. Trata-se de uma mudança de um modelo tradicional de agricultura para um modelo ecológico, menos intensivo em insumos químicos, que avança no sentido de construir uma agricultura diferente, tendo como pressuposto principal a substituição de insumos. A esse respeito ALTIERE (1987) nos diz o seguinte:

“A estratégia agroecológica poderia ser definida como um manejo ecológico dos recursos naturais que, incorporando uma ação coletiva de caráter participativo, permita projetar métodos de desenvolvimento sustentável. Isto se realiza através de um enfoque holístico e uma estratégia sistêmica que reconduza o curso alterado da evolução social e ecológica, mediante o estabelecimento do mecanismo de controle das forças produtivas para frear as formas de produção degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade, causadoras da atual crise ecológica. Em tal estratégia desempenha um papel central a dimensão local, como portadora de um potencial endógeno que, através da articulação do conhecimento camponês com o científico, permita a implementação de sistemas de agricultura alternativa potencializadora da biodiversidade ecológica e sociocultural”.

Esta transição em andamento na COOPTAR é histórica, pois, segundo os relatos dos assentados, quando os mesmos chegaram na terra procuraram imitar o modelo agrícola tradicionalmente praticado na região. Este modelo encontra-se hoje mergulhado numa grande crise, do ponto de vista ambiental, social e econômico, inviabilizando qualquer possibilidade de manutenção e reprodução da agricultura familiar. O processo produtivo no assentamento começou obedecendo à lógica da monocultura levando a uma crise econômica profunda. A diversificação que hoje é considerada tão importante e tida como um dos pressupostos da agroecologia, só se tornou uma realidade no assentamento quando se percebeu que seria impossível sobreviver economicamente dentro do modelo tradicional.

Os instrumentos e estratégias utilizados para esta transição bem como para a reconversão produtiva, infelizmente foram forjados obedecendo a imperativos de ordem conjuntural, forma que acreditamos não ser a mais adequada, por comprometer etapas

fundamentais num processo dessa natureza, como o planejamento, a preparação, treinamento, etc. Entretanto é certo que o real conhecimento somente se obtém pela *práxis* e a agroecologia, portanto, se aprende com as experiências.

A COOPTAR é uma prova viva de que o chamado modelo agrícola convencional está falido, especialmente para a lógica produtiva da agricultura familiar. Como nos diz ALTIERE (2000):

“Só uma compreensão mais profunda da ecologia humana e dos sistemas agrícolas pode levar as medidas coerentes com uma agricultura realmente sustentável. Assim, a emergência da agroecologia como uma nova e dinâmica ciência representa um enorme salto na direção certa. A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis”.

5.7. A Agrovila

A infra-estrutura que corresponde à moradia dos assentados da COOPTAR, consta de uma agrovila⁶ onde residem todas as famílias associadas. A distribuição das casas obedece à forma de um quadrado (formato típico das agrovilas), sendo o pátio interno utilizado como área de lazer (campo de futebol) e para a produção de árvores frutíferas. A área de delimitação da agrovila é feita com eucaliptos e árvores nativas. Cada família possui um terreno individual (quintal) de 10x30 m no interior da agrovila, onde se localizam a casa, eventuais galpões para armazenar utensílios, e um jardim com flores e árvores de sombra. Além do quintal, fora da área de delimitação da agrovila, existe, para uso individual de cada família, um terreno de 15x15m destinado à produção de alimentos que não são produzidos no coletivo, sendo que nem todas as famílias utilizam esta área.

Uma característica bastante marcante no interior da agrovila é o cuidado com o embelezamento do quintal e das casas, a partir do cultivo de flores e folhagens e gramado, o que confere um aspecto agradável ao lugar. As casas de moradia apresentam-se de forma bastante heterogênea no que diz respeito à sua arquitetura e constituição física, sendo que alguns agricultores possuem casa de alvenaria, outros possuem casa de madeira, uns possuem casa nova, outros casas mais antigas, mas todos possuem um bom padrão de moradia, se comparado com as demais famílias do assentamento. Todas as casas contam com rede elétrica instalada, assim como banheiro interno ligado à uma rede de esgoto. A água é oriunda de um poço artesiano, sendo utilizada tanto para consumo humano como para as atividades relacionadas à produção.

Na agrovila existe um prédio coletivo chamado “ciranda infantil” que é utilizado como creche. As famílias se ocupam das atividades produtivas deixando as crianças a cargo da ciranda, que é monitorada por duas mulheres do grupo, as quais após um certo período, são substituídas por outras duas, e assim sucessivamente, em forma de rodízio. Na comunidade da área, que compreende os assentamentos da chamada **área I** da antiga

⁶ Pequenas vilas rurais, em que residem os assentados, muito comuns em assentamentos de reforma agrária, especialmente onde existem cooperativas. Além de facilitar o acesso à infra-estrutura, As agrovilas visam a formação de um núcleo social de convivência coletiva. (Morissawa, 2001, p. 227).

fazenda Annoni, existe uma escola estadual com primeiro grau completo e com possibilidades de comportar, em breve, o segundo grau. No terreno da escola há um ginásio poliesportivo que é o principal centro de lazer da comunidade.

5.8. Organização e remuneração do trabalho

A organização do trabalho na COOPTAR deve ser compreendida dentro da estratégia do MST de consolidação das CPAs nos assentamentos. Segundo SCHWENDLER (1995, p.104), referindo-se a essa reorganização do trabalho e da produção nos assentamentos: *“Esta passagem da forma de trabalho da pequena produção tradicional ao trabalho coletivo não é só uma questão de organização, mas uma mudança de concepção, que implica numa nova consciência social, nova relação homem-terra e novo estilo de viver e trabalhar a terra”*.

A discussão sobre a organização do trabalho na COOPTAR é fundamental para compreendermos a evolução dos sistemas de produção que, de certa forma obedeceu à lógica do aproveitamento máximo da força de trabalho disponível. Quando a cooperativa foi fundada com 42 famílias, a matriz produtiva era baseada no cultivo das lavouras de trigo, milho e principalmente soja. *“Tínhamos a mentalidade de granjeiros”*, comenta o agricultor Dilvo Santa Catarina – Sócio da COOPTAR. Esse sistema era pouco intensivo em mão-de-obra, pois se baseava na mecanização e no uso de insumos químicos poupadores de mão-de-obra. Com isso, grande parte da força de trabalho permanecia ociosa durante um considerável período do ano agrícola. Esse modelo foi utilizado em vários assentamentos de reforma agrária e acabou originando as CPPS (Cooperativas de Prestação de Serviços), uma estratégia do MST para aproveitar a mão-de-obra excedente e massificar a cooperação agrícola nos assentamentos. Ocorre que as receitas da produção agrícola eram insuficientes para garantir a sobrevivência das 42 famílias. Isso condicionou uma mudança na matriz produtiva para formas de produção mais intensivas em mão-de-obra e capital (leite, suínos e agroindústria) e com maior valor agregado dos produtos.

Na COOPTAR o trabalho dos assentados é organizado de forma coletiva, através da divisão social do trabalho. A organização da produção prevê 4 setores produtivos: (lavouras, leite, suínos e agroindústria) para os quais é destinada a força de trabalho disponível, de acordo com a demanda de cada setor, e de forma rotativa. A força de trabalho das mulheres também é aproveitada nos setores produtivos. Isso foi possível graças à divisão do trabalho e a estratégia de constituir uma creche no interior da agrovila, que permite que apenas 2 mulheres tomem conta de todas as crianças da comunidade, liberando o trabalho feminino para os setores produtivos. Para se ter uma idéia da importância do trabalho feminino na COOPTAR basta dizer que o setor da agroindústria responsável pela produção dos embutidos é controlado exclusivamente por mulheres.

Além dos setores produtivos, existe demanda de trabalho na administração e contabilidade da cooperativa, que normalmente fica a cargo de uma única pessoa em tempo integral, na creche, que necessita de 2 pessoas também em tempo integral e no setor de olericultura, com 2 responsáveis em tempo parcial. O desenvolvimento das atividades e a reconversão produtiva ocorrida na COOPTAR aumentaram consideravelmente a demanda de força de trabalho, sendo hoje necessária a contratação de mão-de-obra externa correspondente a 2 empregados fixos e 2 diaristas nos períodos de maior demanda.

A jornada de trabalho na COOPTAR é diferenciada para homens e mulheres. Os primeiros respondem a uma jornada de trabalho de 09h/dia, enquanto que as mulheres trabalham 07h diárias. O sistema de remuneração do trabalho é a partir do número de horas trabalhadas. A base de cálculo para definir o valor pecuniário da remuneração mensal é a receita obtida na atividade leiteira. Nos dias atuais esse valor corresponde

aproximadamente a R\$ 0,90/ hora trabalhada. Os assentados da COOPTAR têm direito a férias anuais correspondentes a 15 dias.

Um dos motivos que faz das CPAs a forma de cooperação mais estimulada nos assentamentos é o fato de proporcionarem a liberação de pessoas (os chamados quadros) para a militância nas instâncias do MST, o movimento que representa politicamente os assentados e com o qual os assentamentos apresentam uma relação orgânica. Esse fato ocorre em função da organização do trabalho na CPA e da importância que o MST representa para esses agricultores. Atualmente, a COOPTAR está contribuindo com três pessoas, que são liberadas para exercer as funções acima descritas.

6 - A Percepção dos assentados sobre a cooperação agrícola, meio ambiente e matriz tecnológica.

Com o objetivo de captar a percepção dos agricultores em relação ao espaço agrário em que vivem e realizam a agricultura, foram incorporadas ao questionário questões relativas à organização da produção, cooperação agrícola, meio ambiente, matriz tecnológica, assistência técnica, bem como sobre os planos e perspectivas dos agricultores para o futuro. Esse conjunto de questões visa compreender como os agricultores se reconhecem no meio onde habitam e como o transformam ou pretendem transformá-lo. Para sintetizar tais questões de uma maneira mais didática, agrupamos as questões em quatro eixos temáticos: Eixo I –Cooperação agrícola; Eixo II – Meio ambiente x matriz tecnológica e Eixo III – Assistência técnica e IV - Planos e perspectivas para o futuro.

6.1. Cooperação Agrícola.

A opção de ingressar na cooperativa envolveu questões objetivas e subjetivas. Enquanto alguns assentados foram visivelmente mais influenciados pelas discussões acerca da cooperação agrícola, envolvendo o seu conteúdo ético-político e normativo, assim como pela experiência cooperativa vivenciada nos grupos de base e brigadas, no período de acampamento, outros atribuíram essa decisão principalmente a fatores objetivos como a necessidade de aumentar a renda, as facilidades no crédito para as cooperativas e a dificuldade de começar a produzir individualmente.

Em relação ao nível de satisfação dos assentados com o trabalho coletivo, constata-se, de um modo geral, que os associados estão satisfeitos com o trabalho coletivo. A maioria destaca como principais vantagens a divisão do trabalho que o torna mais produtivo e qualificado, além de possibilitar a liberação de militantes para o movimento que cuida da sua representação política, o MST (somente na COOPTAR são 4 quadros liberados para a militância a nível estadual). Para alguns, o trabalho coletivo traz importantes dificuldades. *...a gente tem que aprender a ser empregado e patrão ao mesmo tempo e isso é difícil, nunca trabalhamos assim antes”* comenta Dilvo Santa Catarina, atual presidente COOPTAR. Essa particularidade transformou profundamente a forma de viver e trabalhar dos agricultores, de tal forma que proporcionou a superação de certos vícios e valores que o trabalho individual historicamente desenvolveu, argumenta o agricultor.

Em termos econômicos, o trabalho coletivo não trouxe grandes transformações em função dos altos investimentos realizados quando da implantação da cooperativa que agora estão sendo pagos por um número bem mais reduzido de famílias (apenas as 14 que restaram na COOPTAR).

Os assentados ainda perceberam melhoras no convívio entre as famílias, melhorias na infra-estrutura (moradia, água, eletricidade), alimentação, qualidade de vida e lazer, bem como melhores perspectivas para o futuro da família. ... *"agora temos a chance até de tirar férias e conhecer a praia"* comenta Gessur de Bortoli,

Quando questionados sobre os principais equívocos e acertos cometidos ao longo da história da COOPTAR, os entrevistados responderam o seguinte: *"Houve muita empolgação, faltando uma discussão mais aprofundada e realista sobre a questão"*. Nesse sentido os assentados se referem à fundação da cooperativa antes mesmo de ser-lhes liberada a terra, fato que ocorreu somente 4 anos depois, o que ocasionou um endividamento precoce das 42 famílias que então formavam a COOPTAR. Outro equívoco considerado pelos agricultores foram os elevados investimentos em maquinário quando da fundação da cooperativa e a permanência da matriz produtiva baseada nas lavouras de milho, soja e trigo, respaldada pelo pacote tecnológico da revolução verde, durante um longo período. Esse modelo teria ocasionado uma degradação do solo e do meio ambiente além de fornecer uma renda insuficiente, elevados custos e desperdício de mão-de-obra, grande parte da qual ficava ociosa nos períodos de menor demanda. Um entrave citado pelos agricultores foi a falta de experiência administrativa e contábil por parte dos agricultores, o que os levou a cometer erros, por não conseguirem determinar quais as atividades eram bem sucedidas do ponto de vista econômico, quais as que lhes conferiam prejuízos e quais os pontos de estrangulamento de cada atividade. Segundo os assentados, esse é um problema que ainda persiste, embora em menores proporções.

Os principais acertos apontados foram para os sócios, a introdução da pecuária leiteira e da agroindústria de embutidos assim como a diversificação produtiva de um modo geral, que faz parte da estratégia de reconversão produtiva em curso naquela área. A liberação da força de trabalho feminina, viabilizada a partir da constituição da creche, também foi apontada como uma estratégia acertada, compatível com as mudanças na matriz produtiva que aumentaram a demanda de força de trabalho na cooperativa.

6.2. Meio ambiente e matriz tecnológica

Em relação ao meio ambiente, buscou-se identificar como os assentados concebem o meio ambiente em que vivem e como de dá a sua ação antrópica transformadora do mesmo.

Questionados sobre o significado do meio ambiente, de um modo genérico, os assentados concebem-no como *"os recursos naturais (ar, plantas, água, solo e animais) existentes no assentamento e a convivência social entre as famílias da comunidade"*. Uma agricultora sintetiza essa compreensão numa frase: *"prá mim meio ambiente é tudo o que possibilita produzir e viver"* (Mari Santa Catarina – Sócia da COOPTAR).

Com relação ao estado em que se encontra o meio ambiente, os assentados apresentam opiniões diferenciadas. Para alguns o meio está relativamente equilibrado pois ainda existe uma boa biodiversidade e considerável variedade de espécies animais e vegetais. Já para outros, o meio foi muito devastado, a biodiversidade está precária e os assentados apenas recentemente vêm adquirindo essa consciência e tomando algumas providências como o reflorestamento e o manejo de dejetos, este último requerendo melhorias pois vem ocasionando um odor desagradável. É opinião unânime que o solo está desgastado e necessita de recuperação urgente.

Quanto às formas de preservação e melhoria do meio ambiente, os agricultores citam a necessidade de "embeleazar" a área, com flores, plantas ornamentais e gramados, revelando uma crescente preocupação com a questão estética. Além disso, consideram necessário diversificar mais a produção, eliminar por completo o uso de agrotóxicos, não caçar de forma predatória e melhorar o manejo dos dejetos.

As respostas dos entrevistados demonstraram que esse conceito ainda está em construção entre os assentados da COOPTAR, sendo que alguns tiveram dificuldade em respondê-la. Entretanto, se agruparmos as respostas encontraremos vários elementos significativos do conceito acadêmico comumente utilizado. Não usar agrotóxicos, não usar insumos químicos na produção, produzir na área o necessário para o autoconsumo das famílias sem necessitar comprar gêneros alimentícios de necessidade básica, produzir alimentos orgânicos, cultivar e produzir preservando o equilíbrio ambiental. Estas foram as respostas dos entrevistados que, no seu conjunto, formam o conceito dos assentados sobre agroecologia.

Sobre a importância de se produzir de forma ecológica, constata-se no conjunto das respostas a presença de duas dimensões. Uma, mais ligada ao sistema de produção em si, onde os assentados responderam que a importância da produção ecológica está na economia de custos e no melhor aproveitamento da mão-de-obra. (segundo os cálculos dos assentados, no último ano agrícola economizou-se entorno de R\$ 18 mil, por conta da mudança na base tecnológica). A segunda dimensão revela preocupações de ordem mais geral. Nesse sentido os assentados responderam que *a produção ecológica significa vida para o ser humano e para o meio ambiente* (Tonhão – Sócio da COOPTAR). Outros destacaram a sua importância para a saúde humana, segurança e soberania alimentar.

A maioria dos entrevistados (com apenas 1 exceção), considera possível produzir ecologicamente na área em questão. Como principais problemas para alcançar tal objetivo os agricultores destacaram a dificuldade no controle das plantas competidoras (inços) nas áreas de produção agroecológica sem o uso de agrotóxicos. Também reclamam que torna-se difícil produzir de forma ecológica se os vizinhos, proprietários das áreas adjacentes, continuarem produzindo convencionalmente, distribuindo agrotóxicos através de pulverizações aéreas com o uso de aviões agrícolas, poluindo o ar, os mananciais de água e o próprio solo do assentamento pelo efeito da deriva. Haveria, portanto, falta de conscientização dos agricultores a nível regional.

Outro problema destacado foi a insuficiência de assessoria técnica qualificada para orientar a produção ecológica. Para superar tais dificuldades, as proposições dos agricultores foram várias. As mais citadas foram: aumentar a conscientização na região e encontrar alternativas para o controle dos inços na área das lavouras. Segundo o assentado Dilvo Santa Catarina, uma das formas de resolver o problema seria aumentando a área de pastagem exclusiva para o pastoreio dos animais. Isso permitiria um maior aporte de cobertura morta sobre o solo a ser cultivado com milho, soja e trigo, pela ausência de pastoreio nessas áreas, o que tornaria mais eficiente o controle dos inços. O agricultor destaca também a necessidade de tomar mais cuidado na hora do plantio, principalmente em relação às variedades, época e densidade de plantas. Segundo ele, os agricultores carecem de orientação técnica nesse sentido.

6.3. Percepção dos assentados sobre a assistência técnica

A tabela abaixo resume essa percepção:

Tabela 3. Percepção dos agricultores em relação à assistência técnica disponibilizada ao assentamento.

Qualificação	Número de agricultores
Deficiente	7
Suficiente	2
Excelente	0
Total	9

A grande maioria dos entrevistados qualificou a assistência técnica como deficiente, principalmente no setor de lavouras. Os assentados consideram essa questão um problema de caráter estrutural, uma vez que, segundo eles, a assistência técnica é fornecida aos assentados através de técnicos contratados pela COANOL, num total de 2 agrônomos e 1 veterinário, responsáveis por acompanhar todos os assentamentos situados na área da antiga fazenda Annoni, que corresponde a um total de 340 famílias.

As principais deficiências são percebidas em relação à assessoria técnica na área da produção agroecológica que está sendo introduzida na área da cooperativa com muitas dificuldades. Embora os assentados reconheçam a sobrecarga dos técnicos em atender mais de 300 famílias, reclamam uma maior participação dos mesmos bem como uma melhor formação técnica na área de agroecologia, para que possam ser instrumento de auxílio para a transição agroecológica. Os assentados estão encontrando dificuldades com o manejo da cobertura verde do solo, com o abandono dos herbicidas, *”os inços passaram a tomar conta da lavoura e precisamos dar um jeito nisso. Seria importante a orientação dos técnicos”* reclama o agricultor Gessur de Bortoli – Sócio da COOPTAR.

6.4. Projetos e perspectivas para o futuro

Quando os agricultores ingressaram no acampamento o seu principal objetivo comum era conseguir a terra própria e resistir nela produzindo. Desejavam, de um modo geral, cultivar o milho, a soja, o trigo, produtos tradicionais na região, com os quais estavam acostumados a lidar. Com isso buscavam aumentar a renda e conseguir uma vida digna para a sua família. Com o passar do tempo, as experiências de luta, trabalho e produção, os novos conhecimentos que adquiriram, foram mudando as suas perspectivas para o futuro e incorporando novos elementos.

Observa-se na COOPTAR que a maior parte dos projetos futuros para a comunidade são definidos coletivamente, através de assembléias e utilizando um instrumento chamado plano de metas, que normalmente é traçado para um período mínimo de 5 anos. Os projetos e perspectivas futuros, contudo, apresentam várias dimensões que se expressam sob o ponto de vista econômico, da organização da produção, do lazer, da política, da educação, dentre outros. De uma forma geral, os projetos e perspectivas atuais dos agricultores entrevistados dão conta de: conseguir quitar todos os compromissos financeiros; atingir uma estabilidade de renda; fornecer educação aos filhos, no mínimo até o 2º grau (cujo funcionamento da escola que contemple essa necessidade está sendo pleiteado); desfrutar do direito ao descanso, lazer e cultura (tal plano se materializa na construção de um CTG ou centro cultural na comunidade, aproveitamento das férias anuais com viagens à praia, etc.); garantir um futuro digno aos filhos e que estes continuem na agricultura e na luta do MST; conseguir vitórias políticas cada vez maiores; fortalecer a cooperação dentro do assentamento. Do ponto de vista produtivo, os planos são de fortalecer as atividades leiteira e agroindustrial, avançar na agroecologia, conseguir auto-suficiência de mão-de-obra e remunerá-la com um piso de 1 salário mínimo mensal. O assentamento pretende também investir no turismo rural, através de um projeto que está sendo gestado, chamado MSTur.

De forma geral, as perspectivas não são otimistas, sendo que os entrevistados deram maior ênfase às dificuldades gerais da agricultura. *“o nosso futuro só será possível se conseguirmos derrotar o atual modelo agrícola brasileiro”* comenta o assentado Gessur de Bortoli. *“Os agricultores precisam do apoio do governo para mudar tecnicamente”* protesta Dilvo Santa Catarina. *“Precisamos aumentar o controle dos pequenos agricultores sobre o Estado e a política”* propõe Mário Lill, todos sócios da COOPTAR. Os assentados reconhecem também a necessidade de um maior empenho na produção, mais disciplina e qualidade no trabalho, para conseguirem atingir suas metas e aspirações futuras.

7 - Considerações finais

O estudo da trajetória histórica dos assentados que ora integram a COOPTAR mostra que a ocupação e apropriação do espaço agrário se deram segundo a sua herança histórico-cultural e também motivadas por fatores de ordem política que com o tempo, passaram a incorporar o conjunto de fatores subjetivos que determinam a racionalidade e intencionalidade que movem os agentes sociais. Houve, portanto, inicialmente no acampamento e posteriormente no cotidiano do trabalho cooperativo coletivizado, uma espécie de redefinição da racionalidade produtiva e da própria identidade sócio-cultural dos assentados. Aspectos como a divisão do trabalho, a sua remuneração formal, o planejamento coletivo da produção, passaram a ser pontos centrais na mediação da relação dos agricultores com o meio ambiente, diluindo de certa forma, o *ethos de colono* historicamente construído por aquela base social, e determinando uma nova forma de apropriação do espaço agrário. É bem verdade que esse processo não é linear e muito menos absoluto nos assentamentos. Ao contrário, trata-se de um processo de readaptação conflituoso, contraditório e parcial, uma vez que vem atingindo um número reduzido de assentados (caso típico da COOPTAR que foi fundada com 42 sócios, restando apenas 14 no trabalho coletivizado).

Por outro lado atuam os aspectos objetivos. Num primeiro momento, influenciados, de um lado pela sua história de vida e pelo modo tradicional de exploração agrícola praticado na região, de outro pelas discussões do acampamento intermediadas pelo MST, os agricultores se lançaram à prática de uma agricultura coletivizada, cuja matriz tecnológica proporcionava à época, uma elevada produtividade do trabalho e uma renda insuficiente para financiar a mão-de-obra excedente, além de promover uma visível degradação dos recursos naturais disponíveis. As conseqüências objetivas desse processo expressas no esgotamento do referido modelo, conduziram os agricultores a uma situação-limite que desencadeou novas reflexões acompanhadas de uma tentativa de mudança na matriz produtiva e tecnológica da cooperativa. Isso significa que os assentados estão aprendendo com seus próprios erros e buscando novas alternativas para sua viabilização.

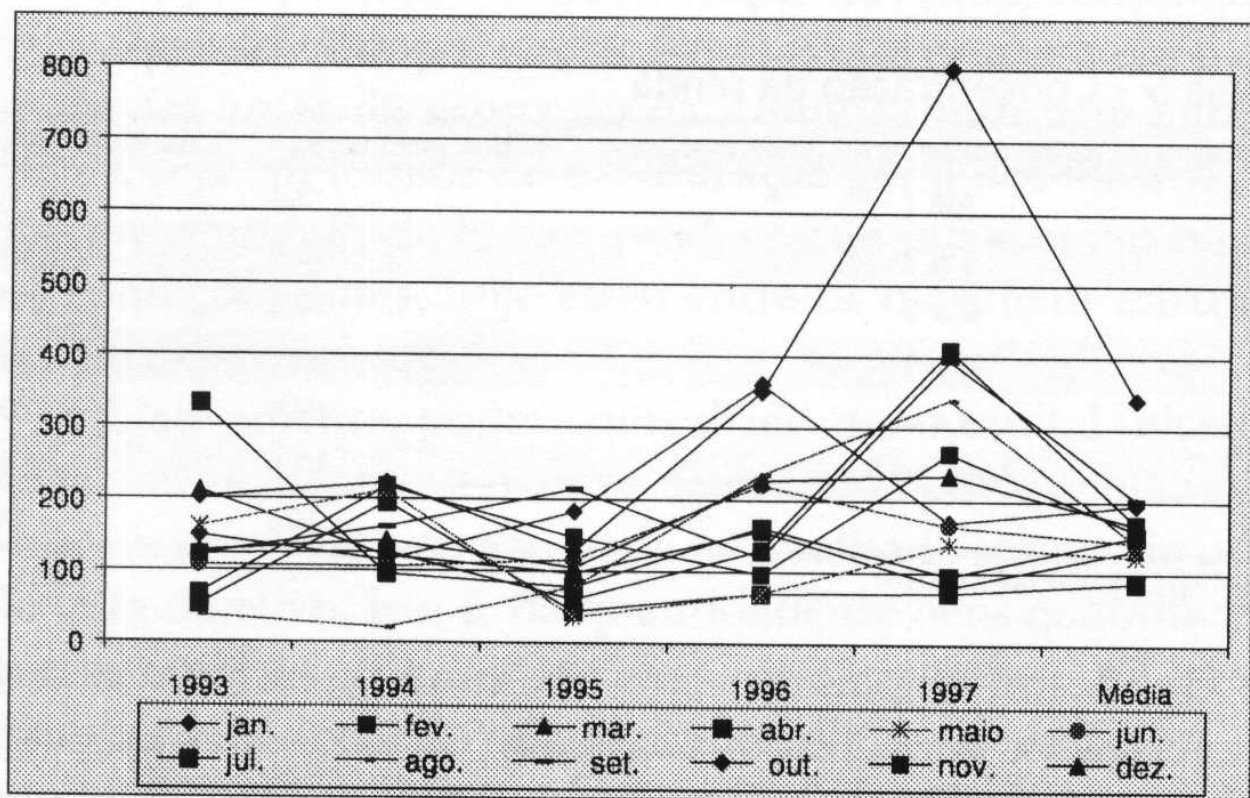
A formação política interna do grupo que compõe a COOPTAR é outro fator importante na determinação da racionalidade que norteia o processo produtivo naquele assentamento. Deste grupo de agricultores saíram muitas lideranças do movimento. A sua contribuição interna se observa pela atuação ao nível de coordenações regionais, direção de cooperativas e demais instâncias de organização interna. Além disso, muitas lideranças históricas do MST em nível nacional, são integrantes do grupo. Toda esta consciência política passou a favorecer o processo de mudança de padrão tecnológico no caso específico da COOPTAR, desde o momento em que o MST resolveu aderir ao modelo agroecológico, em construção na agricultura brasileira.

Essa disposição em experimentar, correr riscos, respaldada, em grande medida, pelas lutas e conquistas políticas do MST, que garantem aos assentamentos a possibilidade de investir, revela uma racionalidade produtiva que faz dos mesmos verdadeiros laboratórios de experimentação de alternativas para a viabilização do que tem se tornado convencional chamar de a agricultura familiar e dos assentados, sujeitos da sua própria história. O estudo da trajetória da COOPTAR revela um processo conflitivo de transformação da racionalidade produtiva original dos agricultores, envolvendo fatores objetivos e subjetivos que, em conjunto determinam-na enquanto um processo eminentemente histórico.

7 - Bibliografia consultada:

- ALTIERE, M. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável** – 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- BAVARESCO, P. A. Uma análise das condições socioeconômicas das famílias do Assentamento Annoni (Fase IX) no Rio Grande do Sul. In : TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar, realidades e perspectivas**. 2. Ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.
- CARVALHO, H. M. de. **Contradições internas no esforço de cooperação nos assentamentos de reforma agrária do MST**. In: A evolução da concepção de CA do MST - Caderno de Cooperação nº 8. São Paulo: CONCRAB. 1999.
- COCEARGS. **Reforma Agrária - a vida no assentamento**. Porto Alegre, 1997.
- NAVARRO, Z; MORAES, M. S; MENEZES, R. Pequena história dos assentamentos rurais no Rio Grande do Sul: formação e desenvolvimento. In: MEDEIROS, L. S; LEITE, S. (orgs). **A Formação dos Assentamentos Rurais no Brasil: Processos sociais e políticas públicas**. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.
- MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- SCHWENDLER, S. F. **Da Utopia do Acampamento à Recriação Social do Assentamento**. Santa Maria, RS: UFSM, 1995, Dissertação de Mestrado.

8 -ANEXO I



Fonte: Dados coletados no CETAP recolhidos de BAVARESCO (1999: p. 305)

ANEXO I: Pluviosidade média mensal no Assentamento Annoni – (1993 a 1997)